

# Crise econômica assusta ricos e pobres

*Empresários brasileiros e até modestos trabalhadores estão preocupados com as altas taxas de juros e o ajuste fiscal*

Tina Evaristo  
Da equipe do Correio

A viagem da Ásia para o Distrito Federal foi um tanto longa. Mas nem por isso a crise deixou de incluir a capital do Brasil no seu itinerário de volta ao mundo. Por onde passou mudou vidas, hábitos e o dia-a-dia das pessoas. Na Rússia, tirou o emprego do primeiro-ministro Sergei Kirienko. Nos Estados Unidos, impôs vexame aos ganhadores do prêmio Nobel de economia que administravam o renomado fundo de investimentos *Long-Term Capital Management* e por pouco, não o levaram à falência.

Os brasileiros, independente do poder aquisitivo, estão preocupados com as novidades trazidas pela crise: aumento de juros e plano de austeridade fiscal. É tempo de reavaliar os gastos, estabelecer as verdadeiras necessidades e enquadrar o orçamento à nova realidade.

Hélio Nakanishi é cabeleireiro em Brasília há 18 anos. Ele interpreta a crise de maneira positiva. Na sua opinião, ela significa: despertar, questionar valores, criar e adaptar-se ao novo momento.

"Na minha família, sempre tentamos formar estratégias para conviver com períodos difíceis. Se tivermos que trocar uma viagem para a Disney por férias num hotel fazenda, não teremos o mínimo problema. Com criatividade, vamos nos divertir da mesma maneira. Aliás, se tirarmos o "S" de crise, ela vira "crie", e é isso que devemos fazer", afirma Hélio, para quem a crise servirá para educação e conscientização das pessoas. "A vida é composta por fases e temos de estar preparados para cada situação", acredita.

As estratégias, ele também aplica na vida profissional. "Negocio sempre com meus funcionários. De repente, uma gratificação pode ser substituída por folgas. Estamos todos atravessando o mesmo momento, a crise não é um problema local e sim universal", conclui o cabeleireiro.

A crise, afirma, não esvaziou seus salões. "Imagem é auto-estima e ninguém abre mão disso, nem em tempo de guerra", aposta. Às vezes, admite, tem de segurar cheques por até 60 dias, fato que ele encara como adaptação à nova situação financeira. "Nunca vou deixar uma cliente órfã. Até as lojas finas da 5ª Avenida de Nova York estão dançando conforme a música", informa Hélio.

## CAUTELA

No que depender de adaptação, a crise não chegará sequer perto do multi-empresário Shawqui Nasser, diretor-presidente do Grupo Nasser, uma cadeia de 20 lojas que vende, principalmente, materiais de cons-

trução. Nasser é palestino, nascido em Jerusalém. Em 1979, aos 19 anos, mudou-se para o Brasil. Ainda criança, foi prometido em casamento a uma prima, também palestina, cuja família estava vivendo no país. A pedido do pai, ele veio, não se deixou intimidar e encarou de frente a nova terra e a futura esposa que não conhecia pessoalmente.

O casamento arranjado deu certo. O casal cultiva o hábito de frequentar restaurantes e jantam fora umas dez vezes por mês. "Gastamos uns R\$ 70 em cada saída, mas se a coisa ficar preta, vamos ter de manejar", diz Nasser, responsável direto pelo gerenciamento de seis lojas do grupo que, anualmente, fatura algo em torno de US\$ 8 milhões.

O estudo é prioridade para Nasser. Ele, a esposa e os cinco filhos estudam. "São R\$ 3.500 por mês só em

escola". A despesa mensal de sua família varia entre R\$ 8 mil e R\$ 10 mil. Os filhos de Nasser não ganham mesada. De acordo com a contabilidade do pai, gastam R\$ 1 mil com cinema e outros entretenimentos.

## RESERVAS

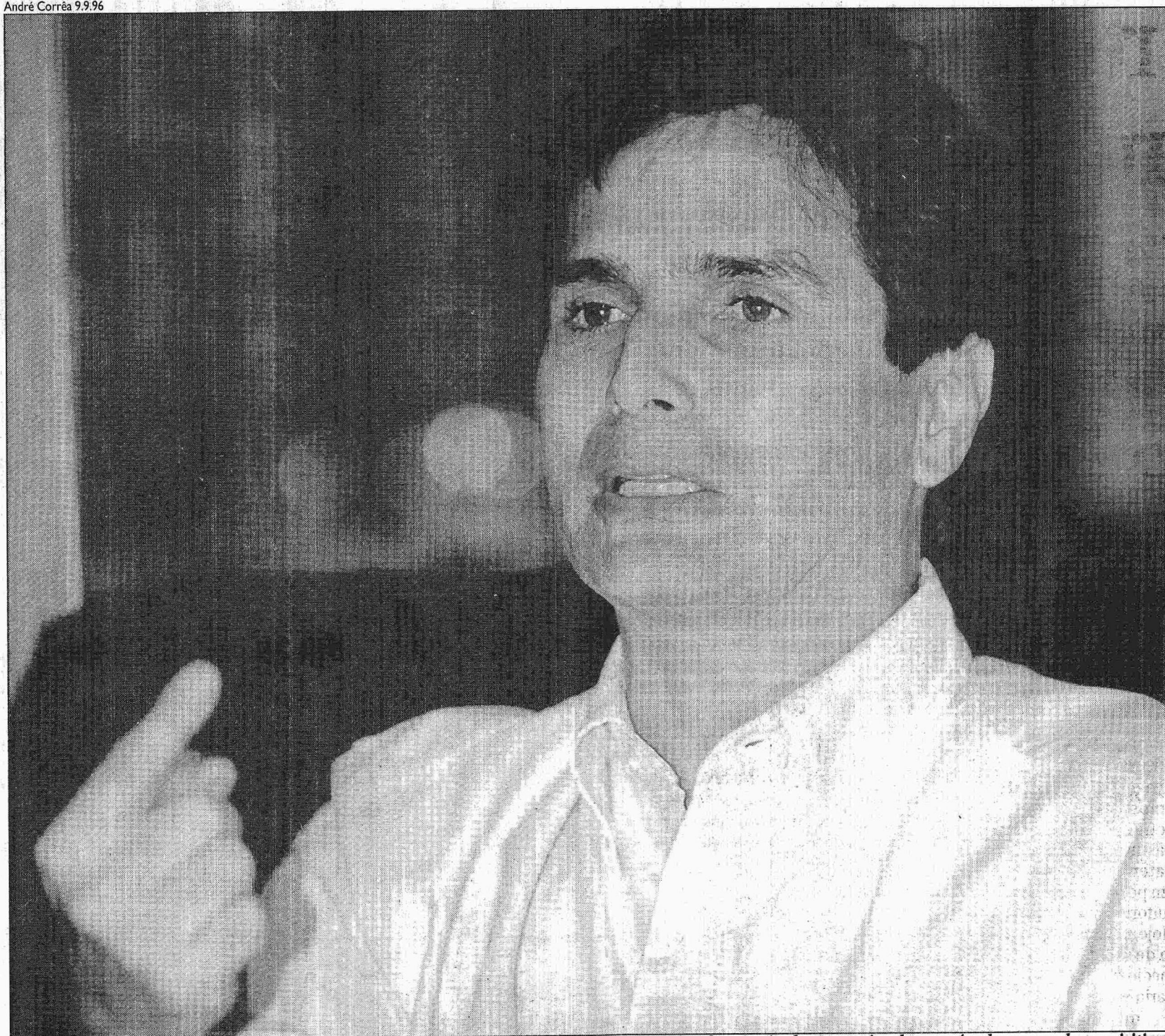
O empresário Nelson Piquet afirma que está preparado para atravessar o período de turbulência. "Mantive o orçamento da minha empresa, a Autotrac, muito enxuto. Acabamos de sair do vermelho, depois de cinco anos de funcionamento e a tendência agora é só crescer. Neste ano, tivemos US\$ 4 milhões de lucro". Piquet acredita que será afetado se as vendas no comércio esfriarem, porque a Autotrac é especialista em rastreamento móvel por intermédio de radares. Tem como principal cliente as transportadoras de cargas.

Nelson Piquet também enfrenta outro problema provocado pela crise — a abertura de cartas de crédito fora do País, para importação dos equipamentos sofisticados que sua empresa utiliza. "A credibilidade do Brasil no exterior foi muito abalada e isso dificultou um pouco meus negócios", informa.

Na avaliação de Piquet, o governo atual não pode ser acusado pelos desequilíbrios na economia brasileira, os quais, segundo ele, foram herdados de, pelo menos, trinta mandatos anteriores. "É certo que temos de diminuir o déficit público. Não sou economista, por isso não posso dizer se as medidas adotadas pelo governo estão certas ou erradas, mas sei: o que vale na minha casa, vale para o Brasil. Não se pode gastar mais do que se ganha" afirma.

Em questões pessoais, Piquet afirma que não será afetado pelas mudanças econômicas: "Ganhei muito dinheiro, mas vivo de maneira bastante simples, alguém do meu poder aquisitivo. Minha família é muito grande, gasto em média, R\$ 20 mil

André Corrêa 9.9.96



Piquet diz que seu orçamento pessoal não será afetado: "Ganhei bastante dinheiro, mas vivo de maneira bastante simples, alguém do meu poder aquisitivo"

por mês. Porém, tenho boa reserva e não terei de diminuir as despesas porque não cultivo hábitos dispendiosos".

O analista de sistemas Bruno Bernardes vive sem sofisticação e pretende poupar os R\$ 3 mil que recebe mensalmente, evitando gastos desnecessários. "Tenho situação financeira relativamente confortável, mas o momento é de instabilidade e o melhor é ficar longe de dívidas. A crise ainda está no início, devemos esperar para ver o que nos espera". Por precaução, Bernardes decidiu não se matricular na academia de ginástica,

o que lhe consumiria cerca de R\$ 80 reais do orçamento. Também quer aguardar a queda dos juros para trocar de carro.

## CARNE

Ao contrário de Piquet, Francisco Fortes dos Reis, zelador de prédio na Asa Norte, tem família pequena — mulher e filha — e nenhuma poupança. Ele orgulha-se do vício adquirido quando mudou-se do Piauí para Brasília, há treze anos. "Como carne todos os dias, custe o que custar", afirma feliz e mostra a geladeira e freezer abarrotados.

"Gasto R\$ 70 reais a cada 15 dias no açougue, mas se o negócio ficar feio para o meu lado, vou ter de diminuir", informa o porteiro que recebe R\$ 364 mensais e R\$ 122 em tíquetes-alimentação. "Com uns bicos ali e outros aqui, aumento meu ganho para R\$ 500", completa. Reis tem 25 anos e desde os 12 não fica um só dia sem comer carne.

Perito em contas, porém analfabe-

to, o zelador teme também ter de eliminar o passeio que faz de vez em quando com a família ao Zoológico. "Cada passagem de ônibus sai por R\$ 1,05. A entrada custa R\$ 1,50. Lá se foram R\$ 7,20." Assim como o cabeleireiro Hélio, ele também usa a criatividade: "levamos sanduíche e refrigerante de casa, porque fica muito mais barato. Não compramos nada no Zoológico".